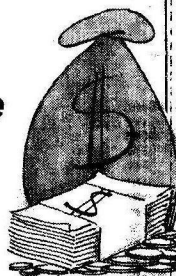


As taxas de juros caem

Com a redução de 0,25% anunciada ontem, a *prime rate* agora é de 11,5%. E os especialistas prevêem que ocorrerão novas quedas em breve.



Alguns dos principais bancos norte-americanos anunciaram ontem uma nova redução da *prime rate*, a taxa de juro cobrada aos seus clientes preferenciais. A queda de 0,25%, que levou o juro para 11,5%, é a quinta desde setembro último e, com isso, a taxa voltou ao nível registrado no início de abril deste ano. Essa decisão dos bancos dos EUA já era esperada desde a semana passada, quando a Reserva Federal reduziu sua taxa de desconto de 9 para 8,5%.

De acordo com o *New York Times*, caso a economia norte-americana continue seu processo de desaceleração, esse corte na taxa de desconto poderá ser seguido rapidamente por outros. Os analistas ouvidos pelo jornal lembram que a redução de 0,5% na taxa da Reserva Federal foi anunciada exatamente um dia após o governo ter informado que o Produto Interno Bruto dos EUA, no terceiro trimestre, cresceu apenas 1,9%, ou seja, a metade do aumento previsto pelos economistas do governo em setembro.

O primeiro banco a anunciar a redução da *prime rate*, ontem, foi o Citibank, imediatamente seguido pelo First National Minneapolis, pelo First National Saint Paul e outras instituições. Este anúncio, no entanto, não afetou a cotação do dólar no mercado internacional, onde ele se fortaleceu diante das principais moedas. A explicação, dada pelos corretores, é que essa elevação foi provocada por uma forte atividade compradora de empresas preocupadas em equilibrar seus balanços de fim de ano. Assim, enquanto as cotações do ouro caíam, o dólar fechava em Tóquio, por exemplo, cotado a 245,6 ienes, contra 243,45 na sexta-feira.

O *N.Y. Times* lembra que qualquer desajo da Reserva Federal em fortalecer a economia diminuindo as taxas deverá ser contrabalançado pela nova cautela imposta pelos administradores monetários nos mercados de câmbio. A Reserva, afirmam os analistas, quer garantir que o dólar não caia de uma maneira precipitada, provocando um reachecimento da inflação doméstica.

Um dos membros da Reserva Federal mostrou esta situação na semana passada, dizendo que problemas internacionais, inclusive o déficit comercial, estão fazendo com que a análise econômica se torne extremamente difícil nestes dias.

Ele também disse duvidar de que a desaceleração poderá ser qualquer coisa além da "pausa" vista pela administração. "Minha hipótese é que o período de desaceleração será temporário, com a economia tendendo a, em certo ponto, irromper de forma positiva".

Nova recessão?

A maioria dos analistas espera agora que o índice de indicadores do governo — o parâmetro elaborado para prever o futuro econômico — mostre um declínio quando o Departamento de Comércio divulgar a cifra

referente a outubro, na próxima quinta-feira. Isto reflete recentes enfraquecimentos verificados em componentes como os alvarás para novas construções e as horas semanais de trabalho.

A Merrill Lynch & Co., que em princípios de novembro previu um aumento do índice, está agora esperando que ele diminua em até 0,5%. "Cada informação adicional que recebemos nos diz que a economia está mais fraca do que esperávamos", disse o principal economista Joseph G. Carson. A The Bankers Trust Co., que em meados do mês estava prevendo alterações nulas, também está, no momento, esperando uma diminuição de 0,5%.

Mesmo uma diminuição tão modesta, no entanto, poderá ser agourenta, porque o índice caiu em junho, julho e agosto, antes de registrar um aumento de 0,4% em setembro. Tradicionalmente, três diminuições seguidas são interpretadas como sendo uma indicação de recessão.

No entanto, tanto Carson como Jay N. Woodworth, do The Bankers Trust, esperam uma espécie de recuperação econômica no decorrer dos próximos meses. No entanto, Woodworth está prevendo uma recessão para fins de 1985 ou princípios de 1986. O índice, declarou, está agora lembrando a situação de 1978, "dando-nos um aviso com um período considerável de antecedência".

Dívida

Alguns funcionários da administração, impressionados pelo custo do serviço da dívida interna dos EUA, que vem crescendo rapidamente, estão fazendo esforços renovados para inovar os oferecimentos de securities do Tesouro.

Embora o governo tenha feito agora uma venda inicial de securities para o mercado externo, Donald T. Regan, secretário do Tesouro excluiu para este verão qualquer venda de títulos sem correção ou indexados para proteger os compradores da inflação.

No entanto, estas opções continuam sendo estudadas no Departamento, exatamente como o plano para emitir títulos de longo prazo, que o governo poderia pagar em cinco anos — e não em dez ou mais — caso as taxas de juros diminuíssem. Mas Thomas Healey, secretário-assistente do Tesouro para finanças domésticas, espera que a ideia seja "revista" dentro em breve.

Orçamento

O Departamento do Trabalho deve informar no próximo mês que os custos com o transporte continuam representando uma proporção crescente do orçamento doméstico dos norte-americanos. De 15,2% em 1960/61, os transportes aumentaram para 21,4% em 1972/73. Isto colocou este item em segundo lugar, na frente da alimentação, mas ainda bem atrás da moradia. A mais recente pesquisa de gastos dos consumidores deverá mostrar que o transporte continua aumentando consideravelmente.

— Com o aumento dos preços da gasolina, que quase triplicaram desde 1973, é certo que este item será mais elevado — declarou Eva E. Jacobs, a chefe da divisão de pesquisas de gastos dos consumidores.

Os dados a respeito dos gastos dos consumidores costumavam ser revistos uma vez por década, mais ou menos, mas o aumento do preço do petróleo provocou uma decisão de se fazer esta pesquisa numa base anual, a começar pelos anos 1980/81. Esforçando-se para se manter em dia, o departamento tem esperanças de poder publicar os dados referentes a 1984 até o final do próximo ano.